

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



“Vivendo de amor”: bell hooks e a ideia de amor como ação transformadora de (re)existência na vida de mulheres negras

Larisse Oliveira Araújo^{*1}, Ana Cláudia Lemos Pacheco²

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ²Universidade do Estado da Bahia

* larisseoaraujo@gmail.com

GT 02 – Etnia, Gênero e Diversidade Sexual

RESUMO

O presente trabalho parte de uma reflexão teórica de análise introdutória acerca dos estudos da intelectual negra bell hooks¹ sobre o amor, tendo por objetivo apresentar aspectos centrais da perspectiva da autora sobre o amor real, apontando-o como ato político-revolucionário na vida de mulheres negras na busca pela autorrecuperação de suas negritudes. Para tal, foi utilizado o conceito de Amefricanidade como ferramenta analítica, pensando as experiências da mulher negra e africana em contexto de diáspora no Brasil. Para aprofundar o debate, serão trazidos alguns exemplos da mídia e de outras obras sobre a discussão do amor na vida de mulheres negras. O amor em sentido de autorrecuperação atua como uma ferramenta potente no combate às opressões do racismo, sexismo e da homofobia, pois contraria a ideologia imposta pela branquitude e possibilita a emancipação de corpos negros.

Palavras chave: mulheres negras; amor; (re)existência.

Introdução

Ainda em nossas infâncias, nós, mulheres negras, nos deparamos com uma barreira entre nós e o amor, e vemos nossa autoestima ser podada pela branquitude em diversos âmbitos. Na escola, quando não recebemos afeto dos nossos professores, quando não somos escolhidas para ser a “rainha da primavera”, no nosso seio familiar quando temos que assumir responsabilidades desde muito cedo e reprimir as nossas emoções, nas relações afetivas quando não somos vistas, quando nossas colegas não querem estar perto de nós pela nossa cor, dentre tantas outras questões.

Essas experiências traumáticas, acima citadas, ocasionadas pelo racismo, pelo sexismo, pela homofobia, pela desumanização e silenciamento dos nossos

¹ Grifado em letras minúsculas a pedido da autora como forma de afirmar uma identidade política.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



corpos, nos afastam das possibilidades de experienciar o sentir, principalmente no que se refere ao amor (González, 1984). Mulheres negras são ensinadas a não demonstrarem vulnerabilidade, pois isso representa fraqueza, o que seria um campo perigoso. Essa anulação do sentir e demonstrar também se dá como autodefesa, como modo de sobrevivência às dores e opressões.

Essas questões com o sentir partem de um mecanismo iniciado no período colonial. Ao serem arrancados bruscamente de seus lugares de origem e de suas culturas, as mulheres negras escravizadas foram submetidas às mais diversas violências, como a privação à liberdade, o estupro, a separação, venda e morte de suas famílias e comunidades, causando principalmente a ausência de pertencimento e acolhimento (Davis, 2016).

Por meio da colonialidade, essas violências continuam a se perpetuar na vida das mulheres negras por um mecanismo que se moderniza, como uma herança que busca formas de seguir controlando esses corpos (Lugones, 2011). Como afirmado por Grada Kilomba (2019), o colonialismo ainda segue sendo uma ferida aberta na vida de mulheres negras em diáspora, de forma a influenciar seus modos de ser, de agir e de se relacionar, de se colocar no mundo.

Essa manutenção social do colonialismo coloca ainda a mulher negra no estereótipo de “mulher guerreira”, “força inabalável”, que nasceu para cuidar sempre dos outros, principalmente das pessoas brancas. Seu corpo sofre socialmente pela exploração trabalhista e sexual, sendo vista como objeto e não como sujeito (Gonzalez, 1984). Esses imaginários levam, muitas vezes, a mulher negra a ser privada de receber cuidado e amor, sendo desumanizada em suas vivências, mais ainda quando referente a mulheres negras lésbicas (Marcelino, 2016).

Crescemos acreditando que não somos dignas e nem mesmo capazes de amar e sermos amadas. Essa problemática se constrói a partir de uma armadilha psicológica estabelecida pelo sistema capitalista, patriarcal e supremacista branco (hooks, 2020), com o intuito de enfraquecer a autoestima e a autoconfiança, resultando no estímulo ao autoódio e da rejeição aos nossos pares

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



(Fanon, 2008; Kilomba, 2019). Aprendemos a amar tudo aquilo que a branquitude é e oferece, enquanto odiamos e somos distanciadas de quem somos e de tudo aquilo que se assemelha à população negra.

bell hooks (2010) aborda a potencialidade que o amor real tem e sobre como ele possui capacidade de transformação quando exercido enquanto prática. Para a autora, quando rompemos com o autoódio e passamos a caminhar em direção ao amor real, nos aproximamos da nossa negritude, consequentemente rompendo com as forças dominantes que antes nos colonizavam. Ao ressignificar o amor para além da falácia de amor romântico e fantasioso pregado pela branquitude, hooks (2020) traz a perspectiva de amor como uma estratégia de (re)existência no processo de resgate e reafirmação das nossas identidades.

Esse artigo se coloca como uma reflexão teórica de cunho introdutório, a qual tem por objetivo apresentar aspectos centrais da perspectiva de hooks sobre o amor, apontando-o como ato político-revolucionário na vida de mulheres negras na busca pela reconstrução de sua negritude. Para tal, foi realizada uma análise de algumas obras que trazem discussões sobre o amor e sobre o reencontro com a negritude, bem como sobre os obstáculos e a complexidade encontrada nesse caminho.

Caminhos Metodológicos

Este trabalho busca enfatizar a escrita de mulheres negras sobre mulheres negras, intercruzando suas contribuições para a construção de epistemologias feministas negras que subvertam a lógica colonial de forma a abraçar nossas próprias metodologias e nossos pontos de vistas partidos de nós mesmas (Collins, 2016; Figueredo, 2020). Desse modo, buscamos apresentar o amor sob outro ponto de vista que não o amor romântico eurocentrado dos contos de fadas onde a princesa será resgatada príncipe e serão felizes para sempre (Nogueira, 2020).

Nesse ínterim, a metodologia é desenhada pensando na Amefricanidade (Gonzalez, 1988) como uma ferramenta analítica de categoria político-cultural

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



para se pensar as vivências diaspóricas e os atravessamentos da mulher negra e africana na América, compreendendo essa perspectiva como fundamental para a descentralização do ponto de vista do colonizador. Tal conceito possibilita uma construção epistêmica que viabiliza e potencializa as narrativas das mulheres negras, subvertendo a lógica da colonialidade através de suas vozes (Kilomba, 2019). A Amefricanidade seria, portanto, um movimento epistêmico contra-colonial (Santos, 2023).

O amor que nos foi negado e que aprendemos a negar: Mulheres negras, afetividade e solidão

Nós, mulheres negras, crescemos aprendendo a odiar a nossa imagem diante do espelho, crescemos com a compreensão de que tudo o que é relacionado ao negro é ruim, feio, sujo e abominável, enquanto tudo o que é branco é lindo, puro e admirável (Fanon, 2008; Kilomba, 2019). Essa ideia é imbricada em nossas mentes ainda na infância, principalmente pelas referências de desenhos e filmes, cujos personagens principais, “os mocinhos”, possuem sempre um padrão de ser branco, com cabelo liso, loiro ou castanho, olhos claros etc (Adichie, 2019).

A partir disso, passamos a nos esforçar para nos assemelhar ao máximo à imagem do branco. Alisam-se os cabelos, colocam-se prendedores de roupa no nariz para tentar diminuí-lo, e por aí vai. Uma série de elementos no processo de negar a nossa identidade e nos moldar ao simbolismo exigido socialmente pelo padrão imposto – o padrão europeu (Gomes, 2002).

Em *Vivendo de amor* (2010) e em *Tudo sobre o amor* (2020), bell hooks discute sobre como essa falta de estímulo ao autoamor na infância resulta na ausência de autoestima, alimentando o autoódio e a rejeição a tudo aquilo que lembra a sua imagem, ou seja, seus semelhantes. Consoante a isso, Audre Lorde (2020) descreve que existe uma barreira entre as mulheres negras e o amor, que muitas vezes as levam a olhar umas para as outras, inclusive, com desconfiança e desprezo.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Essa relação complexa da mulher negra com a afetividade é atravessada pela intersecção de gênero, raça, sexualidade e classe, deslocando-a, muitas vezes, para um lugar marginalizado de solidão e abandono cotidianamente no campo afetivo, sexual, econômico etc (Pacheco, 2008; 2013; Gonzalez, 1984).

Podemos ver essa realidade na novela *Amor de Mãe* (2019-2021), exibida pela TV Globo, na qual há uma cena onde a personagem Camila (interpretada por Jéssica Ellen), aos prantos, faz um desabafo à sua mãe, dizendo que está cansada de ter que ser forte, que por ser mulher, negra, pobre e professora é obrigada a ser guerreira todos os dias, a lutar por todas as opressões ao mesmo tempo, sem o direito de ser vulnerável, de se sentir, chorar.

Essa cena diz respeito ao cotidiano de muitas de nós, mulheres negras, as quais estão a todo tempo em posição de cuidado, mas que quando precisam ser acolhidas, se deparam com a solidão. A mulher negra é constantemente preterida na sociedade, seja nas relações afetivo-sexuais, nas amizades ou no âmbito do trabalho. Conforme Sueli Carneiro (2003, p. 30), "(...) as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca".

Essa solidão se materializa no grande número de mulheres negras que chefiam sozinhas suas casas - seja pelo abandono parental ou de seus parceiros - sendo responsáveis, não só pela administração do lar, mas pelo quesito econômico, ao mesmo tempo que o índice de desemprego e de baixo nível de salário para essas mulheres é absurdamente inferior em relação aos homens e as mulheres brancas (Pacheco 2008; 2013).

Estudos realizados pela intelectual negra Ana Cláudia Pacheco (2008; 2013) apontam para como as questões de gênero, raça e sexualidade afetam a construção das relações afetivas de mulheres negras e como o racismo e o sexismo produzem na vida dessas mulheres uma solidão, colocando-as em um não-lugar, principalmente em relação ao afeto. Quando privadas do amor e do cuidado, as mulheres negras são socialmente direcionadas ao abandono, à hipersexualização e à desumanização de seus corpos (Gonzalez, 1984).

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Amando a negritude e ressignificando o amor como ação transformadora

*“é sobre entender que meu corpo é formado por
narrativas
e histórias de sobrevivência
eu preciso amar esse corpo
eu preciso amar essas narrativas porque eu fui
ensinada a fazer o oposto
(...)
Eu sou uma narrativa bonita.”*

(Isadora Silva)

bell hooks afirma que “amar a negritude como resistência política transforma nossa maneira de olhar e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2019, p. 63). Para a autora, o amor é uma ação transformadora que se estabelece em uma construção diária, a qual envolve, sobretudo, comprometimento e entrega (hooks, 2021).

Comprometer-se com o autoamor e com o amor aos seus pares é, portanto, ressignificar a sua existência para além da dor e das imposições do racismo, compreendendo que nós, enquanto mulheres negras, não podemos reduzir nossos corpos aos imaginários sociais projetados pela colonialidade (Collins, 2019; Bueno, 2020). hooks alerta que:

Enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra (hooks, 2019, p. 60).

Esse comprometimento com o amor - próprio e pelo outro - envolve o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre si e sobre a sua realidade, e, a partir disso, a ruptura com os padrões antigos, com os espaços que instigam o (auto)ódio (hooks, 2021), pois, como afirma Noguera (2020, p. 54), “(...) é impossível amar, seja lá como for, sem antes conhecermos a nós mesmos”. Ou seja, é um processo que se movimenta não somente de fora para dentro, mas também de dentro para fora. Como levantado por Audre Lorde (2020) sobre o amor entre mulheres negras:

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Preciso aprender a me amar antes que eu possa amar você ou aceitar o seu amor. Você precisa aprender a se amar antes que você possa me amar ou aceitar o meu amor. Saber que somos dignas do toque antes de podermos estender as mãos umas para as outras. (Lorde, 2020, p. 217)

É válido ressaltar que o autoamor, como a própria Lorde (2020) infantiliza, não se constrói apenas na percepção de se achar bonita – apesar de ser excepcional para a autoestima – mas envolve outros fatores como a autorrecuperação e a saber se sentir bem sozinha sem ter medo de si mesma e da sua própria imagem.

bell hooks (2020, p. 172) diz que “Saber como estar sozinho é central para a arte de amar. Quando somos capazes de ficar sozinhos, podemos estar com os outros sem usá-los como válvula de escape”. O que nos lembra também da Alteridade em Sueli Carneiro (2005), que desperta para a urgência de nos humanizarmos antes de passarmos a humanizar o outro.

Em *Tudo sobre o amor* (2020), hooks também nos leva a pensar em outras possibilidades de vivenciar o amor, como nas relações afetivo-sexuais, no âmbito familiar, no trabalho, na comunidade e nas amizades. Todas essas formas de amor possuem potência para nos humanizar e elevar a nós e ao outro espiritualmente (Somé, 2003), caminhando para a autorrecuperação.

Atualmente, pensando em um contexto de era digital, além da escrita de livros, as mulheres negras têm utilizado bastante a escrita e a fala como instrumentos desse processo de autorrecuperação para si e para as nossas, através de posts nas redes sociais, de podcasts, vídeos etc. Um exemplo disso são as influencers/podcasters Hailanny Souza, com o podcast *E se eu falar de amor*, a Luana Carvalho, com o *Bom mesmo é ser emocionada* e a Jaciana Melquiades, com o *Eu preciso falar de amor aos domingos* – ambos disponíveis no Spotify – que falam dessa relação da mulher negra com o amor, intercruzando suas experiências pessoais.

Geni Nuñez (2023) nos faz uma provocação importante sobre que, para que nós, corpos dissidentes, consigamos desfrutar da autoestima e do amor verdadeiramente, inclusive o autamor e a autoestima, é preciso que tenhamos

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



acesso à fatores como moradia, empregos e salários dignos, lugares onde nos sintamos pertencentes e a relações que nos potencializem.

Não há como experimentar de forma plena o afeto sem as condições mínimas para uma política de bem-viver (Acosta, 2016). A ausência desses elementos básicos de uma vida digna, provoca ansiedade, insegurança, baixa autoestima e o sentimento de insuficiência e não-pertencimento, o que nos distancia da possibilidade de nos amarmos, de amarmos nossos semelhantes e de aceitarmos o amor em nossas vidas.

Conclusões

O presente artigo buscou trazer um breve debate sobre a relação de mulheres negras com o amor e a afetividade, desenvolvendo uma reflexão teórica descentralizada da visão europeia e heteronormativa de amor de amor romântico, apontando como a colonialidade afeta o sentir e a autoestima dessas mulheres por meio do racismo e das demais opressões.

A partir da abordagem de hooks (2010; 2020) sobre o amor real, somos levados a enxergar o amor como ação transformadora, como ferramenta política de (re)existência na vida de pessoas negras, nos provocando a pensar o amor de forma a descentralizar a cultura de amor romântico apresentada pelo Ocidente.

A autora, através de sua escrita, expõe outras perspectivas relativas ao amor na vida de pessoas negras, na compreensão de que nos permitir vivenciar o amor e os campos afetivos nos aproxima da nossa negritude. Esse amor, portanto, se constrói pela autorrecuperação de nossas identidades e de nossa autoestima, se manifestando no campo do amor próprio e do amor compartilhado como uma ética amorosa que envolve comprometimento e ação diária.

Exercer o amor como prática de autorrecuperação em nossas vidas, contribui para que nós, mulheres negras, rompamos com esse lugar de não merecimento, com o lugar de ódio ao qual fomos enquadrados. Somos dignas sim de vivenciar o afeto, o denego, de ressignificar as nossas existências para além das experiências de dor.

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins.** 1ª edição. Porto Alegre: Zouk Editora, 2020.

Carneiro, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese de Doutorado - USP. São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Veredas das noites sem fim: um estudo com famílias negras de baixa renda sobre o processo de socialização e a construção do pertencimento racial.** 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Acesso em: 25 set. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

Collins, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Manuela. **Amor de Mãe** [telenovela]. Rio de Janeiro: Estúdios Globo, 2019-2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas.** Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em 8 de setembro de 2024.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, set. 2002.

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXrHf5nTC7r/abstract/?lang=pt#>.

Acesso em 22 de setembro de 2024.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.), 1988b, p. 69-82. (Rio de Janeiro), n. 92/93 (jan./ jun.): 69–82.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, p. 223-244, 1984. <http://bds.unb.br/handle/123456789/1141>. Acesso em 16 ago 2024.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Vivendo de Amor**. 2010. <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 14 de agosto de 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e conferências**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LUGONES, María. A colonialidade de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 506-538, 2011.

MARCELINO, Sandra Regina de Souza. Entre o racismo e a lesbofobia: relatos de ativistas negras lésbicas do Rio de Janeiro. **Revista Gênero**, Niterói, v. 16, n. 2, p. 111-129, 1º sem. 2016. <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31236/18325>. Acesso em 15 de setembro de 2024.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

NUÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Paidós, 2023.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador\Bahia**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. 2008.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.